



|               |  |
|---------------|--|
| <b>Evento</b> | Salão UFRGS 2013: IX SALÃO DE ENSINO       |
| <b>Ano</b>    | 2013                                       |
| <b>Local</b>  | Porto Alegre - RS                          |
| <b>Título</b> | Imagens do Invisível: pedagogia e metáfora |
| <b>Autor</b>  | LEANDRO MARINO VIEIRA ANDRADE              |

## Contexto

O presente relato objetiva divulgar uma experiência pedagógica realizada, de forma continuada, no âmbito da disciplina *ARQ 02.001 Teorias sobre o Espaço Urbano*, do curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFRGS.

Com caráter obrigatório, a disciplina ocorre na quinta etapa do curso, contando quatro créditos e organizada em dois encontros semanais de duas horas-aula, e pode ser caracterizada conforme a ementa reproduzida abaixo:

*Estudo dos marcos conceituais e abordagens metodológicas do espaço urbano, segundo o ponto de vista de diferentes disciplinas. Teorias descritivas, interpretativas e propositivas da organização espacial. Ensaio projetual articulando as distintas teorias.*

O objetivo temático específico da atividade aqui relatada é realizar, paralelamente ao desenvolvimento do conteúdo programático proposto, a leitura do livro *As cidades invisíveis* (Calvino, 1991), como forma de fomentar a imaginação espacial e a capacidade de construir relações entre o imaginário das cidades “inventadas” pelo escritor, e a “cidade real” que é objeto do curso.

Neste sentido, o exercício integra aspectos de descrição, interpretação e proposição sobre o espaço – *análise e síntese* – na perspectiva da construção de fundamentos metodológicos para as práticas de projeto urbano que o estudante realizará sequencialmente ao longo dos quatro semestres seguintes.

## Escopo literário ( \*)

Instigante obra da ficção contemporânea, *As cidades invisíveis (Le città invisibili)*, do escritor italiano, nascido em Cuba, Italo Calvino (1991, primeira edição italiana 1972), permite conhecer uma longa série de encontros imaginários entre Marco Polo, o navegador veneziano que viveu no século XIII, e o imperador dos tártaros, Kublai Kahn. O lendário navegador está, então, a serviço do poderoso imperador, que o encarrega de visitar as inúmeras cidades de seu imenso reino. Os diálogos entre as duas personagens giram em torno dos relatos das viagens empreendidas por Polo que, para cada cidade visitada, constrói uma breve mas intensa alegoria simbólica.

De fato, a multidão de signos que se desvelam a cada narrativa, expressa, no sentido metafórico, os muitos aspectos de uma “cidade real” – a sereníssima Veneza do século XIII – a qual Marco Polo nunca se refere explicitamente. Por isso mesmo, para decodificar as metáforas criadas por seu interlocutor, o imperador propõe uma espécie de *sistema de explicação*, ao mesmo tempo, *modelo* do qual declinar todas as cidades possíveis, e esboço para uma *teoria geral*:

*– Entretanto, construí na minha mente um modelo de cidade da qual extrair todas as cidades possíveis - disse Kublai. - Ele contém tudo o que vai de acordo com as normas. Uma vez que as cidades se afastam da norma em diferentes graus, basta prever as exceções à regra e calcular as combinações mais prováveis. (Calvino, 1991:67)*

O jogo de sentidos torna-se mais denso quando Marco Polo, respondendo ao imperador, impõe uma virada de ponto de vista. Nesta introdução à escrita de Calvino, importa compreender como a dialética entre as duas personagens faz emergir um duplo dispositivo operatório de projeto. As palavras de Marco Polo revelam, assim, um distinto sistema narrativo:

*– Eu também imaginei um modelo de cidade do qual extraio todas as outras - respondeu Marco. - É uma cidade feita só de exceções, impedimentos, contradições, incongruências, contra-sensos. Se uma cidade assim é o que há de mais improvável, diminuindo o número de elementos anormais aumenta a probabilidade de que a cidade realmente exista. Portanto, basta subtrair as exceções ao meu modelo e em qualquer direção que eu vá sempre me encontrarei diante de uma cidade que, a pesar de sempre por causa das exceções, existe. Mas não posso conduzir a minha operação além de um certo limite: obteria cidades verossímeis demais para serem verdadeiras. (Calvino, 1991:67)*

As cidades *contadas* por Marco Polo e *ouvidas* por Kublai Kahn (e *imaginadas* por Calvino) são os temas de cinquenta e cinco narrativas breves, organizadas ao longo de nove capítulos, mas antes agrupadas em onze categorias (as cidades e *a memória*, as cidades e *o desejo*, as cidades e *os símbolos*, as cidades *delgadas*, por exemplo), e intersectadas (ou interrompidas, ou amplificadas, ou ressignificadas) pelos diálogos entre Polo e Kublai.

O primeiro capítulo revela as quatro primeiras categorias; os capítulos seguintes integram uma nova ao sistema e, desde o terceiro capítulo, uma das categorias precedentes é retirada (no capítulo 2., inclui-se *as cidades e as trocas*; no capítulo 3., adiciona-se *as cidades e os olhos*, subtrai-se *as cidades e a memória*), e assim sucessivamente. Possibilidade para muitos percursos de leitura, já que cada cidade narrada, ainda que fazendo parte de um ou outro conjunto, guarda sua autonomia, seu sentido próprio, e pode ser lida isoladamente ou sugerir uma vizinhança imediata ou inesperada.

Não por acaso – e *nada*, neste jogo, acontece por acaso – o imperador é um exímio jogador de xadrez, e possui um atlas detalhado (...) *em que estão desenhadas todas as cidades do império (...) palácio por palácio e rua por rua* (Calvino, 1991:125). As alegorias do jogo de xadrez e das cartografias contidas no atlas de Kublai (outra vez, não por acaso) revelam a intenção da *ordem implicada* (Bohm, 2001) a cada narrativa – o todo que se revela no detalhe – ao ponto do imperador não mais enviar Marco Polo às terras distantes do reino, retendo-o, e absorvido ele mesmo, em longas partidas cujo próprio objetivo às vezes lhe escapa.

Através dos movimentos dos cavalos, dos bispos e torres, outras narrativas (Calvino, 1991:112), mas também o próprio tabuleiro presta-se para as interpretações desse jogo:

– *O seu tabuleiro, senhor, é uma marchetaria de duas madeiras: ébano e bordo. A casa sobre a qual se fixou o seu olhar iluminado foi extraída de uma camada de tronco que cresceu num ano de estiagem. Observe como são dispostas as fibras. Aqui se percebe um nó apenas esboçado: um broto tentou despontar num dia de primavera precoce, mas a geada noturna obrigou-o a desistir.*

(...) *A quantidade de coisas que se podia tirar de um pedacinho de madeira lisa e vazia abismava Kublai; Polo já começava a falar de bosques de ébano, de balsas de troncos que desciam os rios, dos desembarcadouros, das mulheres nas janelas...* (Calvino, 1991:121-2)

A totalidade, assim, não é apenas maior do que a soma das partes; ela esconde ou revela outras sínteses, eis que cada movimento de cada partida *simula* um acontecimento que se faz sentido e se torna memória. A distância da Veneza de Marco Polo ao palácio do imperador tende a zero, permanecendo infinita, em qualquer direção que se tome. E poder-se-ia, com Calvino, seguir jogando o jogo de revelações – descobertas sobre as cidades do reino – e reminiscências – as lembranças do veneziano – mas também adivinhações e predições. Estamos todos – leitores de Calvino – falando de *cidades que existem*, algures ou aqui mesmo.

( \* Excerto editado a partir de *Arquiteturas visíveis: uma introdução à obra de Italo Calvino*, artigo de divulgação e utilização didática na disciplina ARQ 02.001 *Teorias sobre o Espaço Urbano*. Departamento de Urbanismo, UFRGS.)

## Escopo pedagógico

A disciplina desenvolve-se considerando os seguintes objetivos:

1. Introduzir os conceitos teóricos referentes ao espaço urbano e regional a partir dos enfoques de diferentes disciplinas, tais como a arquitetura, a sociologia, a economia, o urbanismo e as ciências ambientais;
2. Provocar uma reflexão crítica sobre a cidade e sua região de influência, enfatizando os aspectos espaciais, sociais, econômicos, culturais e políticos, no sentido de proporcionar uma visão holística – ou seja, integral e integrativa, dentro de uma perspectiva transdisciplinar – no encaminhamento da compreensão da questão urbana;
3. Subsidiar as disciplinas de ateliê ofertadas pelo Departamento de Urbanismo, tanto no sentido de prover os alunos de um sistema de explicação frente à complexidade urbana, quanto de construir um quadro metodológico para o enfrentamento dos exercícios de planejamento e projeto urbano.

No plano pedagógico, a disciplina organiza-se em duas etapas:

Uma etapa de fundamentação, de caráter essencialmente teórico, elabora um quadro de chaves conceituais a partir da noção de *sistema* (sistemas vivos, sistemas humanos, sistemas urbanos) e das implicações sistêmicas de construção da forma urbana (abordando aspectos evolutivos, geográficos, culturais e tecnológicos).

A segunda etapa, voltada a experimentações diversas, opera, simultaneamente, atividades voltadas à introdução de procedimentos em pesquisa urbana, análise espacial e projeto urbanístico, destacando a problemática econômica e ecológica das cidades contemporâneas em torno da questão *quanto vale, quando custa, viver na cidade?*

## Teoria e representação: o Atlas do imperador

*O atlas revela essa qualidade: revela a forma das cidades que ainda não tem forma. Há a cidade com a forma de Amsterdam, semicírculo voltado para o setentrião, com canais concêntricos (...); há a cidade com a forma de York, engastada em elevadas estepes (...); há a cidade com a forma de Nova Amsterdam, também chamada Nova York, repleta de torres de vidro e aço sobre uma ilha oblonga entre dois rios, com ruas perfeitamente retas como canais profundos, exceto a Broadway.*

*O catálogo de formas é interminável: enquanto cada forma não encontra a sua cidade, novas cidades continuarão a surgir. Nos lugares em que as formas exaurem as suas variedades e se desfazem, começa o fim das cidades. Nos últimos mapas do atlas, diluíam-se retículos sem início nem fim, cidades com a forma de Los Angeles, com a forma de Kioto-Osaka, sem forma.* (Calvino, 1991:126)

No âmbito dos estudos urbanos, para distintos autores – como Pesci (1985), em *La ciudad in-urbana*, e Anne Spirn (1995), com *Jardim de Granito*, por exemplo – a leitura de Calvino aponta para a analogia com a cidade real, cuja problemática se faz visível através das narrativas metafóricas do autor italiano. Neste sentido, imbricada transversalmente a essa estrutura, a leitura sistemática e crítica da obra de Calvino perpassa os conteúdos de ambas as etapas da disciplina, oferecendo, aos estudantes, variadas oportunidades de articulação entre o que vem sendo debatido nos seminários teóricos e as imagens que emergem do texto literário.

No começo do semestre, os estudantes são orientados a realizar a leitura da obra de Calvino, obedecendo a um protocolo de registro bastante simples. Em substituição as tradicionais fichas de leitura, pede-se que, para cada relato de cidade, o estudante realize um desenho que “ traduza ” o texto conforme sua livre interpretação, e utilizando as técnicas gráficas de sua preferência. Próximo do final do semestre, cada participante da disciplina deve entregar um dossiê contendo, pelo menos, 55 “imagens de cidade”, isto é, os registros gráficos elaborados a partir da leitura do livro.

Cidade real e cidades imaginárias vinculam-se através do conjunto de atividades didáticas realizadas ao longo do semestre. Neste sentido, além do livro de Calvino, os estudantes são confrontados com um quadro teórico amplo, de abrangência multidisciplinar, em torno da noção de *cidade como sistema*, com o apoio de textos e imagens escolhidas. No curso das aulas, espera-se que as imagens apresentadas, as leituras realizadas, e a participação nos seminários e exercícios, fomentem a imaginação dos estudantes para a realização do conjunto de desenhos e, dialeticamente, o processo de leitura os instrumente para uma participação mais efetiva nos debates.

O produto deste processo de leitura e tradução do texto literário para o espaço gráfico compõe uma espécie de “livro de artista”, livremente organizado por cada autor.

Finalmente, realiza-se um seminário-exposição, que objetiva compartilhar as observações e reflexões derivadas da leitura e articular relações com o conteúdo teórico da disciplina.

A atividade final, ainda relacionada à tarefa de leitura, objetiva produzir um conjunto de representações organizadas nas distintas categorias propostas pelo escritor. As cidades são então recriadas, em pequenos grupos, através de mapas ou maquetes, simulando, com ampla liberdade poética, o *Atlas* do imperador.

A discussão do produto final apóia-se no conjunto de conteúdos debatidos ao longo do semestre e, em considerável medida, orientando-se à reflexão epistemológica a partir do conceito piagetiano de possíveis, problema central da epistemologia construtivista, ou seja, “*o da construção ou criação do que existia apenas em estado virtual do ‘possível’ e que o sujeito deverá atualizar*” (Piaget, 1987:52), no sentido da construção do conhecimento do espaço urbano.

## Referências

- CALVINO, I. (1991). **As cidades invisíveis**. São Paulo: Cia das Letras.
- CALVINO, I. (2009). **Le città invisibili**. Milão: Mondadori.
- PESCI, R. (1985). **La ciudad in-urbana**. La Plata: Ambiente Libros.
- PIAGET, J. (1985). **O possível e o necessário**. Volume I. Porto Alegre: Artes Médicas.
- SPIRN, A. W. (1995). **O Jardim de granito**. São Paulo: Edusp.